

Gritaram-me Negra: Victoria Santa Cruz e a voz da mulher afroperuana

por Beatriz de Souza Bessa

1. Introdução

A ideia desses escritos surge a partir de uma inquietação ocorrida em uma aula da Pós Graduação em Música, na UNIRIO: durante as aulas do Doutorado, cuja temática era o canto, percebi a presença de algumas cantoras brancas contemporâneas nos vídeos oferecidos pelos diferentes professores que compuseram a grade docente da disciplina (todos brancos e brancas): Claudia Alvarenga, Cathy Berberian, entre outras, que foram nos apresentadas performando sons vocais de diferentes alturas, na maioria das vezes sem texto definido, demonstrando uma ampla qualidade técnica de utilização de suas habilidades vocais. Eu, no entanto, como mulher negra, fiquei a pensar sobre a importância que a voz tem na minha vida. Para mim, assim como para meus irmãos e irmãs afrodescendentes, a voz pode ser, sobretudo, um instrumento de desabafo, um grito de socorro, um veículo de denúncia, a expressão de nossa raça e identidade. Expressão essa, antes muito silenciada, amordaçada, chicoteada e aniquilada. A partir da tristeza que me invadiu ao perceber a ausência de vozes de mulheres pretas nesse curso, me veio à memória a canção poema de Victoria Santa Cruz: Me gritaram Negra!¹

II - Quem é Victoria Santa Cruz?

Em 2022, celebrou-se os 100 anos do nascimento de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra: poeta, coreógrafa, folclorista, estilista, professora, cantora, compositora e ativista afro-peruana falecida em 2014. Nascida em La Vitoria, província de Lima, no Peru, Victoria era filha do dramaturgo e poeta Nicomedes Santa Cruz Aparicio e da bailarina marinera² Victoria Gamarra. Mulher, negra e latina, a artista fundou em 1958 o grupo *Cumanana*, junto com seu irmão Nicomedes Santa Cruz Gamarra, poeta, pesquisador e jornalista também peruano.

¹Gritaram-me Negra, [disponível no YouTube](#).

²Uma das danças tradicionais mais populares do Peru, originou-se na costa do Peru e tem pequenas variações em todo o país. Evolución de la MARINERA contada por EL CHINO CALDERÓN, [disponível no YouTube](#).

A companhia *Cumanana* surgiu com o propósito de oferecer à juventude negra, por meio do teatro, diferentes formas de expressão, integrando dramaturgia, música, poesia e dança. *Cumanana* foi um dos primeiros grupos teatrais peruanos inteiramente formado por pessoas negras e tinha como objetivo difundir e valorizar a cultura afro-peruana, integrando aspectos da cultura popular às questões raciais. Assim, Victoria ajudou a estabelecer as bases do que foi considerado o renascimento da cultura afro-peruana no século XX. Em 1961 Victoria ganhou uma bolsa de estudos do governo francês e foi a Paris estudar na Universidade de Teatro das Nações e na Escola Superior de Estudos Coreográficos. Estudou design de figurino, direção coreográfica e fisiologia do movimento. Lá, atuou como figurinista, trabalhando em obras como “El retablo de Don Cristóbal”, de García Lorca e em “La Rosa de Papel”, de Ramón Del Valle Inclán.

Em seu retorno ao seu país natal, ela funda a *Companhia Teatro e Danças Negras do Peru* em 1967. No ano seguinte, a companhia é convidada a representar o país nos Jogos Olímpicos do México, recebendo medalha e diploma pelo seu trabalho. Nesse grupo, Victoria conseguiu integrar trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda: ensinou-os sobre as Áfricas, sobre a arte e a cultura negra, priorizando não apenas o teatro ou a dança, e sim uma formação cultural, educacional e artística completa dos participantes. Victoria acreditava que a formação do bailarino profissional implicava uma formação não apenas técnica, mas também uma tomada de consciência mais abrangente. Desse grupo, saiu Ronaldo Campos, que em 1969 fundou o Peru Negro, companhia de teatro, música e danças negras de grande importância no país e que comemorou recentemente, 50 anos de existência³.

Ao longo de sua vida, através de diferentes aspectos artísticos, Victoria sempre se engajou na valorização da sua identidade negra, realizando intersecções com a cultura popular e tradicional do Peru. Em consequência de seu engajamento, a artista recebeu em 1970 o prêmio de melhor folclorista no primeiro Festival e Seminário Latino-americano de TV, organizado pela Universidade Católica do Chile.

Foi diretora do Conjunto Nacional de Folclore do Instituto Nacional da Cultura entre 1973 e 1982, sendo responsável pelo desenvolvimento, pesquisa, integração e direção de repertórios e dançarinos da região da Serra, da Costa e da Amazônia peruana. Viajou o país inteiro convidando mestres e mestras da cultura popular para difundir o conhecimento sobre valores ancestrais da música e da dança em cada região.

Além disso, lecionou na Universidade Carnegie Mellon, na Pensilvânia, Estados Unidos, entrando, a princípio, como professora convidada, e em seguida alcançando o cargo de professora vitalícia.

³Canal Peru Negro no YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCgy5EbqoGB3GRUovXpL9nXw/about>

Em 2004 é lançado seu livro, *Ritmo el Eterno Organizador*, nas versões em espanhol e em inglês. Em 2019, a obra foi reeditada, mas apenas em espanhol. O espetáculo *La Magia del Ritmo*⁴ foi apresentado no início dos anos 2000 e mostra a riqueza artística de sua pessoa, mesclando música, poesia, interpretação e dança. A artista morreu aos 91 anos deixando um legado imenso.

III - Me gritaram negra!

A canção-poema *Me gritaram negra*, trabalho de Victoria sobre o qual esse artigo se debruça, pode ser interpretada mais como uma performance. No vídeo de 1978, ela declama a poesia junto com outros artistas, numa cena que mescla canto, ritmo, dramatização e dança, sendo assim um dos mais importantes exemplos de sua arte rica e polivalente. Esse registro tornou-se um grande marco na luta antirracista e de empoderamento da cultura negra. O link para o vídeo está na primeira nota de rodapé deste artigo. Ao lado, segue a poesia escrita, embora seja fundamental assistir ao vídeo para sentir e perceber a importância da performance.

A canção-poema traz a experiência da própria Victoria de descobrir-se negra numa sociedade absurdamente racista. No vídeo, percebe-se que o poema é declamado quase em toda a totalidade para um ponto que não é a câmera, sendo direcionado a um público que está na cena, mas fora do recorte da tela.

A narração do poema descreve o processo de crescimento de uma menina, ainda inocente, que demonstra não entender o sentido negativo atribuído a sua cor e a sua origem. A longa pausa entre os versos da canção faz com que o silêncio expresse a dor dilacerante que é o momento em que o racismo acontece. Segundo Almeida e Cortez

a leitura dos primeiros versos já nos indica a presença de mais de uma voz presente no texto: a voz, em 1a. pessoa, da menina protagonista e a voz do outro, branco, que se separa dela. A voz do outro sentencia: “Você é negra, diferente de mim”. Eis que se estabelece já nos primeiros versos a dicotomia alteridade vs. identidade e as vozes dissonantes (ALMEIDA, CORTEZ. 2017, p. 589).

⁴ Apresentação disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=WYKEMidE6bQ>

Me Gritaron Negra

Victoria Santa Cruz

Tenía siete años apenas,
apenas siete años,
¡Que siete años!
¡No llegaba a cinco siquiera!

De pronto unas voces en la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!

“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡SÍ!
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello
escondía. Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!

Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
mi pesada carga
¡Y cómo pesaba! ...
Me alacé el cabello,
me polveé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía,
retrocedía y que iba a caer

¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¿Y qué?

¿Y qué? ¡Negra!
Sí ¡Negra!
Soy ¡Negra!
Negra ¡Negra!
Negra soy

¡Negra! Sí
¡Negra! Soy
¡Negra! Negra
¡Negra! Negra soy
De hoy en adelante no quiero
alaciar mi cabello
¡No quiero!
Y voy a reírme de aquellos,
que por evitar – según ellos –
que por evitarnos algún sinsabor
Llaman a los negros gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO

Al fin
Al fin comprendí AL FIN
Ya no retrocedo AL FIN
Y avanzo segura AL FIN
Avanzo y espero AL FIN
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí AL FIN
Ya tengo la llave
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
¡Negra soy!



por Juliane Barroso, 2024

Judt

Na sequência, há a aceitação do discurso do outro: “Se eles me dizem, então sou”, e a própria menina Victoria cresce aceitando e tolerando o preconceito, se subjugando à voz do branco.

Tem-se, então, a voz da imposição do outro revelada não apenas na diferença dos traços (cabelo, lábios e pele), mas também no cotidiano, como carga discursiva que se estabelece ao outro por não pertencer a um dito grupo hegemônico. Esta consciência da dificuldade e do peso que se coloca sobre as costas dos negros resulta na negação de seus traços (cabelo, lábios, pele) e na tentativa de aproximação à estética branca, alisando o cabelo, passando pó no rosto e odiando seus lábios grossos (ALMEIDA, CORTEZ. 2017, p. 590).

A última parte do texto poético narra o processo de transformação. Ela se reconhece negra e se orgulha disso. Ama e valoriza seus traços, sua cultura. Os artistas da cena, antes parados e imóveis, começam a dançar e sorrir. É chegado o empoderamento pois nesse momento há a imposição de sua identidade negra. A voz do outro, do racista, é praticamente anulada. Victoria inverte a situação e desvaloriza a voz do outro, pois agora ela se reconhece na palavra do outro, como negra, porém não situada em um espaço pejorativo. Ela afirma a sua identidade negra a partir do seu próprio ponto de vista. Aos poucos, a palavra “negra”, que começa como insulto, se transforma em afirmação valorosa da sua própria identidade. Assim, se faz presente no poema um conflito de vozes que ocorre nesse processo de aceitação e afirmação da identidade negra.

O desenvolvimento e amadurecimento pessoal da protagonista na trama podem ser percebidos com a ocorrência de binarismos, negação / afirmação; identidade / alteridade; indivíduo / coletivo; positivo / negativo; pertencimento / não-pertencimento. O que reforça o caráter polifônico do discurso, ou seja, a presença de várias vozes polêmicas expressas na narrativa, já que essas categorias colocadas em oposição são assumidas pela alternância de vozes instauradas no texto (ALMEIDA, CORTEZ. 2017, p. 591).

Me gritaram negra é uma obra de arte, que traz diversas linguagens artísticas, mas é, principalmente, um retrato da vida de Victoria e de milhares de pessoas negras que sofrem com o racismo em todo o mundo. A questão é como a voz de nós negros, pode ser ouvida e cantada, a fim de se sobrepor à voz do preconceito de cor. Voz não tem só timbre, técnica, altura, glissando, vibrato. A voz está em alguém, em algum ser humano. E pelo que passa esse ser humano? O que sofre a mulher negra? Racismo. Seja no Peru, no Brasil ou na África do

Sul. Portanto, não podemos pensar na voz, no canto, na expressão vocal da mulher negra apenas do ponto de vista anatômico ou fisiológico. A voz é subjetiva e social. A voz na poesia de *Me gritaram negra* não se constitui apenas como um fenômeno vocal, destituído de corpo, história e movimento.

IV A voz de Victoria é a voz de sua ancestralidade

O canto negro é um transportador de símbolos e formas afrodiáspóricas, complementado como uma produção do corpo subjetivo que não se dissocia de seu corpo cultural (DAVINI, 2002). Davini (2008) alerta que não é possível se pensar a voz e a palavra sem o corpo e o sujeito, desconstruindo a visão instrumental da voz. Segundo o autor, a voz não pode ser limitada a uma ferramenta, pois passa pela emoção, por aspectos psicológicos e sociais e não apenas anatômico. Além disso, a sua performatividade vai para além de aspectos sonoros apenas.

O aspecto social da voz deve ser analisado pois a voz não se relaciona apenas à sociedade em que está inserida. Ela está intimamente vinculada à historicidade do seu grupo social – principalmente a voz negra, que foi covardemente silenciada em dezenas de países por séculos a fio durante a escravidão e suas consequências nefastas. Irobi (2012), por sua vez, analisa a diáspora africana por meio de uma concepção fenomenológica, abordando a memória como um reflexo das experiências sensoriais e transcendentais, inscritas no corpo independentemente de sua localização territorial e espacial. Nesse sentido, a performance africana pode ser transportada pelo tempo e por territórios, permanecendo inscrita no corpo com o fluxo de africanos pelo mundo. O autor acredita que essa memória corporal é transmitida de geração em geração, “por meio da inteligência do corpo humano” (IROBI, 2019, p. 275), e vê o corpo como “local de múltiplos discursos para esculpir memória, história, identidade e cultura” (IROBI, 2019, p. 277). A conexão do canto e da performance com as formas afrodiáspóricas contribui para uma potencialização das vozes negras, a partir do individual, para o coletivo.

Nesse contexto, *Me gritaram negra* parte de uma voz negra que fala de si, mas também se refere a um corpo cultural, bem como a seus ancestrais. Sendo assim, a voz de Victoria traz em seu texto tempos e espaços que exprimem sua história como indivíduo e como grupo (JESUS, 2020).

À voz de Victoria, peruana, se somam as vozes negras do Brasil. Segundo Gonzalez (2008) a amefricanidade se refere à experiência comum de mulheres e homens negros na diáspora e à experiência de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial.

Além disso, a voz de Victoria não é apenas a voz de uma pessoa negra e latina, mas, principalmente, a voz de uma mulher negra. Segundo Lélia Gonzalez, com o ocorrido das ditaduras na América Latina na década de 60, diversas organizações se fortaleceram com o objetivo de redemocratização. Movimentos identitários como o movimento negro e o movimento feminista se proliferaram e se estruturaram em diferentes países.

Porém, as mulheres negras nem sempre se sentiam encaixadas em algum grupo: havia a existência do machismo no movimento negro, e no movimento feminista frequentemente predominava a fala de mulheres brancas trazendo questões em que mulheres negras não se reconheciam (GONZALEZ, 1988).

V Conclusões

Em todos os países da diáspora africana a música sempre serviu como meio de suportar a dor, de resistir às opressões, de lutar por emancipação, de se expressar. O reggae, o samba, o blues, o funk e o rap são alguns dos movimentos culturais oriundos da população amefricana que, se hoje são compreendidos superficialmente apenas como estilos musicais por alguns, em suas origens são vozes de resistência e luta. Pensar a voz para além de suas características físicas, individuais e fonológicas é ultrapassar as limitações do pensamento ocidental sobre o que é arte, sobre o que é música.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rayana; ALMEIDA, Mariana Cortez de. “Me gritaron negra” e a construção da identidade negra no contexto peruano. *Percursos Linguísticos*. v 7, n. 14. Vitória, Espírito Santo, 2017.

ANDRADA e SILVA, Marta Assumpção de. Expressividade no canto. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues (org.). *Expressividade: da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

ARMELIN, D. *Victoria santa cruz, a força de uma voz afro-peruana*. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/victoria-santa-cruz-forca-de-uma-voz-afro-peruana/>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

BUROCCO, Laura. Afrofuturismo e o devir negro no mundo. *Revista do PPGAV/EBA/UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 49-59, jul. 2019.

DAVINI, Silvia. Voz e palavra – música e ato. In: MATOS, Cláudia Neiva; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (orgs). *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

GAMARRA, Victoria Santa Cruz. *Ritmo el eterno organizador*. Ediciones Copé, Lima. Petróleos del Peru, 2004.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, jan./jun., 1988.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. *Projeto História*, v. 44, p. 273-93, jun. 2012.

JESUS, Rafaela Francisco de. *A Performance negra de Victoria Santa Cruz e suas reverberações na construção de escritórias e feminismos negros*. 2020. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2020.

LOPES, Nei; SIMAS, L. A. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

OLIVEIRA, Janaína Pimenta. *A voz do negro*. 1999. Monografia (Especialização em voz) – Centro de Especialização em Voz, Salvador, 1999.